

MINHA MÃE

um filme de Christophe Honoré

com Isabelle Huppert, Louis Garrel, Emma de Caunes, Joana Preiss

Ma Mère | França | 2004 | 108min | M/18

Festival Internacional de Toronto – Seleção Oficial
BFI London Film Festival – Seleção Oficial



Pierre, um adolescente de 17 anos, tem um amor cego pela mãe, mas ela não está disposta a assumir o que o filho projecta dela. Recusando ser amada por aquilo que não é, decide quebrar o mistério e revelar a sua verdadeira natureza - a de uma mulher para quem a imoralidade se tornou um vício. Pierre pede para ser iniciado por ela no deboche e deixa-se levar até ao limite em jogos cada vez mais perigosos...

“Christophe Honoré aceitou o desafio, aventurando-se em zonas transgressivas que estão tão longe da psicologia de bar como do chique e chocante. Poderoso e corajoso.”

Jean-Baptiste Morain, *Les Inrockuptibles*

Filho da mãe

Procurei um sítio que revelasse, de forma evidente, a obscenidade da sociedade actual”, afirma Christophe Honoré. “Sem considerações morais, porque não digo se é mal ou bem. Limito-me a dizer: é aqui que estamos.” Aqui: Pierre e Réa, os amantes nocturnos, deambulam sob as luzes do centro comercial, entre salas de jogos e vendedores de rua, entre música tecno e o clamor de vozes. Ele é Louis Garrel [com] uma masculinidade imberbe testada recentemente em *The Dreamers*, de Bertolucci, um “huis clos” de contornos incestuosos [...] Ela é Joana Preiss, ex-manequim e figura da noite parisiense que nos dizem ser uma das modelos preferidas da fotógrafa Nan Goldin. É a ficção levada para o meio de um cenário real. A câmara segue-os. A ideia, avisam, é ser o mais discreto possível.

O último tabu

Honoré é, ele próprio um escritor com alguns romances “adultos” no currículo. [...] Um escritor a adaptar outro escritor? “Bataille é um dos escritores mais radicais no plano da escrita, alguém que tentou esticar os limites da escrita e da representação face aos seus temas de predilecção: sexo, morte, moral, etc. Escolhi-o para me servir da sua radicalidade, digamos, colocando a fasquia bastante alta para ver se no cinema ainda se pode ver se não radical pelo menos não muito razoável”, explica o realizador. [...] Se o incesto é o último dos tabus, a transgressão absoluta, aqui, [...] procurou-se ficar do lado da metáfora do abstracto. “Não sou alguém que busca a provocação, não procuro fazer imagens chocantes. O que me interessa é contar uma história e estar sempre próximo das personagens. Não estou certo de que no fim, o filme seja assim tão chocante” [...] “Há um clima de confiança que se instala ao longo da rotação e quando se chega a esse tipo de cenas sabe-se que não as vamos olhar desonestamente. [...] Mas neste filme, pelo menos, as cenas de sexo não existem para encher o olho [...] elas narram verdadeiramente o filme, são muito, muito importantes na evolução das personagens.

Kathleen Gomes, *Ípsilon*, 2003

Bataille, supostamente inadaptável ao grande ecrã, de repente ganha vida, diante dos nossos olhos. Não importa realmente se o filme é ou não fiel ao romance original, o principal é que a interpretação de Honoré faz sentido. O cineasta transpõe a acção do romance para os dias de hoje, nas Ilhas Canárias, num dos complexos turísticos de massa que florescem de [...] uma arquitectura desumana e assustadora.

A inteligência de Honoré reside no facto de este não ter escolhido jogar a carta do erotismo brilhante. O lugar onde nos encontramos, por muito que seja à beira-mar, é sempre cinzento, mesmo quando o tempo está bom. As filmagens, talvez um pouco ostensivamente, pensamos no início, evitam toda a perspicácia: câmara manual, grão acentuado, iluminação nauseante, para trás e para a frente entre os actores [...] É uma questão de sujar a imagem, mas também de mostrar ao mesmo tempo que é feita voluntariamente. [...] Não há cerimónias entre o espectador e a história, apenas a marca de que tudo se desenrolou.

[...] Outro elemento importante é o som: um murmúrio permanente, ressonâncias, música de discotecas distantes, o som de passos e multidões num centro comercial... Estes elementos sonoros contribuem para criar uma sensação de continuidade, uma atmosfera estranha, pesada, quase fantástica: aqui, tudo pode acontecer, o tempo não fica parado [...] Pierre e a sua mãe procuram um absoluto do qual o erotismo é apenas um instrumento. Não é apenas uma questão de prazer, mas de degradação, pureza, sede, e medo da morte.

A mãe é uma alcoólica, dá-se sem restrições, sem complexos, sem limites. [...] Encontramo-nos no meio de uma situação metafísica. Ela decide introduzir Pierre ao deboche, confía-lo a outras mulheres que o levarão para jogos cada vez mais perigosos e para os quais não está preparado. [...] Sexual, claro, mas sobretudo transgressivo, e é mérito de Honoré ter sido capaz de preservar a transgressão essencial de Bataille, adaptando-a aos nossos tempos.”

Filmar o riso e as lágrimas segundo Georges Bataille

“Não se trata apenas de materializar uma colagem obsessiva ao livro homónimo de Georges Bataille (1897-1962) [...] centrado na relação entre o jovem Pierre (Louis Garrel) e a sua mãe Hélène (Isabelle Huppert), empenhada em expô-lo a todos os vícios e desvios morais. Trata-se, sobretudo, de lidar com uma escrita que não só aponta para o indizível e intolerável como, no limite, resiste a qualquer projecto de «ilustração». Nessa medida, Bataille, autor do incontornável *o Erotismo* (1957), é um herdeiro directo do Marquês de Sade e o cinema não pode deixar de pagar um preço por se envolver com a sua escrita. [...] Honoré desenha um mapa de afectos em turbilhão, sabendo integrar duas componentes radicais do universo de Bataille: a cumplicidade entre o Erotismo e a Morte; a existência do Mal com um factor incontornável da dimensão humana. [...] Como escreve Bataille: O riso é mais divino, é mesmo mais indecifrável do que as lágrimas.”

João Lopes, *Diário de Notícias*, 2004

C'est «Ma mère», son Bataille.

Honoré [filma a] história constantemente adiada de um (meta) amor físico entre um filho e a sua mãe, uma viúva alegre e decadente. Sempre se disse de Georges Bataille que a sua língua escapa à representação, que não poderia haver uma solução fácil para restaurar em imagens o segredo de uma literatura cuja nudez se abre diante de uma vertigem mística. Honoré entrou nos espaços em branco de *Ma Mère* como uma criança que pendura as suas próprias referências nas paredes do quarto - escritores do nosso tempo (Denis Cooper, Don DeLillo, Sarah Kane...), num estilo moderno. Será que Bataille gera terror? Honoré, na sua inteligência e humildade, filmou a obra como um filho. Do ponto de vista dos aterrorizados, dos vulneráveis, da inocência ainda que um pouco atordoada e da necessidade de trair. A questão do filme, portanto, pertence menos a Bataille do que a Honoré e à da sua geração (ele tem 34 anos): o que significa ser um filho hoje, em termos de sobrevivência?

Philippe Azoury, *Libération*, 2004



Ma Mère

Em última instância, Honoré não consegue suprimir o seu encanto de chocar o público [...] sendo ajudado por um jovem Garrel [...] que aqui continua a demonstrar perícia em encarnar almas adolescentes perversamente atordoadas. Garrel, embora apropriadamente intenso, é o género de actor metódico que parece verdadeiramente confortável a masturbar-se no ecrã e depois a urinar no chão. Huppert, por outro lado, interpreta Helene com nuances mais subtis [...] resistindo sempre à tentação de construir a sua personagem nos termos familiares de bom e mau. A sua Helene move-se entre o terreno da monstruosidade e matriarcado.

Scott Foundas, *Variety*, 2004